

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

NATALIA BARBOSA SILVA

EMPREENDEDORISMO DA MULHER NEGRA: o sentido do trabalho e sua
influência na saúde mental da mulher

São Luís
2023

NATALIA BARBOSA SILVA

EMPREENDEDORISMO DA MULHER NEGRA: o sentido do trabalho e sua
influência na saúde mental da mulher

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior
Dom Bosco como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Me. Gracielle Santana.

São Luís
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Silva, Natalia Barbosa

Empreendedorismo da mulher negra: o sentido do trabalho e sua influência na saúde mental da mulher. / Natalia Barbosa

Silva. __ São Luís, 2023.

56 f.

Orientadora: Profa. Me. Gracielle Santana.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia
– Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
– UNDB, 2023.

1. Empreendedorismo feminino. 2. Mulher negra. 3. Sentido do trabalho. 4. Saúde mental. I. Título.

CDU 616.89:658.016-055.2(=96)

NATALIA BARBOSA SILVA

EMPREENDEDORISMO DA MULHER NEGRA: o sentido do trabalho e sua influência na saúde mental da mulher

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 21/06/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Gracielle dos Santos Santana (Orientador)

Mestre em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Esp. Lília Ferreira da Luz

Especialista em Gestão Educacional

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Karina Vanessa Fonseca Muniz

Psicóloga, especialista em Psicologia Social e Antropologia

Professora da Faculdade Anhanguera

Dedico este trabalho à todas as mulheres, principalmente as negras, empreendedoras, as quais todos os dias têm a experiência deste trabalho e darem sentido a este fazer para sua vida e na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à Deus, mesmo em minhas poucas orações, Ele me acalmava e me fazia sentir-se segura.

Em segundo, gostaria de agradecer à minha família, especificamente a minha mãe e minha irmã, as quais sempre me apoiaram e me incentivaram a concluir esta graduação.

Outras pessoas fundamentais nesta minha trajetória, foram as amizades construídas, dentre elas as minhas queridas amigas Izabel, Larissa e Thalyta, sem dúvida alguma os dias se tornaram mais leves com elas. E outro amigo, que também não poderia deixar de mencionar, é o Douglas, aprendi tantas coisas sobre a vida com ele, principalmente sobre respeitar a dor do outro, e uma coisa que me inspira nele é a sua dedicação e responsabilidade com os estudos, e com tudo que ele se propõe a fazer. Com essas pessoas, a alegria é garantida.

Também gostaria de demonstrar gratidão à minha psicóloga, só eu e ela sabe o quanto foi árduo fazer terapia durante esses meus últimos meses de graduação, e hoje conseguimos visualizar quantas coisas evoluíram no meu processo terapêutico, e o quanto isso foi essencial para que eu conseguisse enfrentar os meus dilemas um dia de cada vez.

Por último, e não menos importante, agradeço a todos os meus professores da graduação, os ensinamentos de cada um foram fundamentais para o meu crescimento intelectual, profissional e pessoal. Neste ponto, gostaria de mencionar especificamente a minha professora e orientadora Gracielle Santana, esta que por sua vez, quando fui apresentar a minha proposta de tema, ela se mostrou muito solícita e me deu logo sugestão de um livro, o qual ela estava lendo, da Cida Bento- O Pacto da Branquitude, e isso foi um alívio pra mim, pois estava preocupada de não conseguir alguém que me desse este suporte em relação ao meu tema de TCC, além disso ela me auxiliou bastante na submissão do trabalho na plataforma Brasil. Desse modo, agradeço imensamente a ela, por todas as sugestões e correções necessárias durante toda a escrita do projeto, para que assim fizéssemos um excelente trabalho.

Muito obrigada!

“O ato de empreender praticado pela mulher negra nutre-se do propósito de tornar-se visível e senhora de seu próprio destino aquelas que, durante muito tempo, foram invisibilizadas, subalternizadas e alijadas de sua própria liberdade e vontade.” “Mas, nesta jornada empreendedora, ainda é possível encontrar pessoas que irão resumir o sucesso e resultados deste trabalho em uma única palavra: sorte”.
(SANTOS; EVELLE, 2019, pp. 16 e 50).

RESUMO

A presente pesquisa tem como proposta evidenciar análises, explicações e fundamentações científicas a respeito da compreensão de qual é o sentido do trabalho para a mulher negra, e como isto pode impactar na saúde mental dessa mulher. Além disso, o trabalho também visa contribuir de maneira significativa para a sociedade, na perspectiva de abranger ainda mais o olhar das pessoas para esta temática, tendo em vista que diante de pesquisas realizadas fora observado que ainda existem algumas lacunas na exploração acadêmica sobre o empreendedorismo da mulher negra. Ademais, este trabalho tem como objetivo principal analisar o sentido do trabalho, como forma de empreender para a mulher negra na cidade de São Luís- MA, dessa maneira a sua metodologia segue como base uma pesquisa de campo, em que a coleta de dados será por meio de entrevista semiestruturada, e tendo como método a análise de conteúdo qualitativa. Os resultados e discussões do trabalho, serão descritos e evidenciados a partir da análise das entrevistas, para que dessa forma fique mais claro a proposta da pesquisa. Desse modo, considera-se que este trabalho é de suma importância para o meio acadêmico e principalmente para a sociedade, tendo em vista que esta temática atravessa dimensões psico-sócio-estrutural.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Mulher Negra. Sentido do Trabalho. Saúde Mental.

ABSTRACT

The present research has the purpose of highlighting analyses, explanations and scientific foundations regarding the understanding of what the meaning of work is for black women, and how this can impact on the mental health of these women. In addition, the work also aims to contribute significantly to society, with a view to further encompassing people's views on this topic, considering that, in the face of research carried out, it was observed that there are still some gaps in the academic exploration of entrepreneurship of the black woman. In addition, this work has as main objective to analyze the meaning of work, as a way of undertaking for the black woman in the city of São Luís-MA, in this way its methodology is based on a field research, in which the data collection will be through a semi-structured interview, and using qualitative content analysis as a method. The results and discussions of the work will be described and evidenced from the analysis of the interviews, so that the research proposal becomes clearer. Thus, it is considered that this work is of paramount importance for the academic environment and mainly for society, considering that this theme crosses psycho-socio-structural dimensions.

Keywords: Female Entrepreneurship. Black woman. Sense of Work. Mental health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
UNDB	Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
RME	Rede Mulher Empreendedora
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DESENVOLVIMENTO	14
2.1 Empreendedorismo Feminino: Qual o seu significado?	14
2.1.1 O sentido do trabalho para a mulher negra empreendedora	16
2.1.1.1 A saúde mental de mulheres negras empreendedoras	20
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
3.1 Caracterização das Participantes	24
3.2 Trajetórias no Empreendedorismo	24
3.3 A prática do Empreendedorismo na vida das Mulheres	26
3.3.1 O que motivou estas mulheres a iniciarem no empreendedorismo	26
3.3.2 Recursos/Meios considerados importantes para a progressão no empreendedorismo	28
3.3.3 Possibilidades e contribuições do empreendedorismo na vida da mulher	30
3.3.4 Identificação de causas positivas ou negativas na vida social, física e mental advindas da atuação como empreendedora	35
3.3.5 A percepção da mulher a respeito do significado e sentido do trabalho diante da sua trajetória	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A	50
APÊNDICE B	53

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva do empreendedorismo feminino, mais especificamente a mulher negra, nos dias atuais tem sido colocada em evidência por motivos de ter se tornado uma condição alternativa de renda para muitas mulheres. Esta forma de empreender, que de acordo com Davis (2016) teve início de maneira histórica, considerando que as mulheres negras não eram absorvidas no mercado de trabalho, dessa maneira como forma de subsistência elas ofereciam seus serviços de lavagens de roupa, vendas de comida, de cabeleireiras, costureiras, e dentre outras formas de trabalho.

Partindo desse cenário, as mulheres negras por serem excluídas do mercado de trabalho considerado formal, se viram pressionadas a terem que investir em pequenos negócios para que, assim, pudessem sustentar suas famílias. Além disso, de acordo com Davis (2016), em razão de muitos homens abandonarem o lar, tradicionalmente famílias negras, eram sustentadas quase exclusivamente pelas mulheres.

As mulheres negras, mediante a esse confronto, no decorrer de toda sua história, têm como marca uma trajetória de organização subjetiva, pois, estas mulheres se reconhecem culturalmente como mantenedoras do lar, se veem como alguém que sempre tem que ser responsável por outra pessoa, quando se tornam improdutivas, seja por uma incapacidade física, temporária ou não, ou por não serem aceitas no mercado de trabalho, a representação mental que possuem de si será prejudicada. E isso pode afetar no seu bem-estar. (DAVIS, 2016)

Baseado nesse contexto, em relação ao empreendedorismo da mulher negra, a questão a ser desenvolvida neste trabalho é a respeito de qual o sentido de empreender para esta mulher, e de como esta atuação pode interferir na sua saúde mental.

A pesquisa seguirá com os seguintes objetivos- o principal analisar o sentido de empreender para a mulher negra na capital São Luís- MA, dentro desta proposta descrever sobre a perspectiva do trabalho para a mulher negra, e de como ela dá sentido para esse fazer na sociedade; identificar as repercussões que o empreendedorismo pode causar na saúde mental das empreendedoras; e por fim, evidenciar as contribuições/possibilidades que o empreendedorismo ocasionou na vida das mulheres.

A construção deste trabalho se baseia, a princípio, através de uma motivação pessoal, de buscar compreender mais profundamente a respeito do empreendedorismo feminino negro e de como isso perpassa a vida da mulher, principalmente o lado social, o bem-estar físico e mental.

O trabalho também visa contribuir de maneira significativa para a sociedade, na perspectiva de abranger ainda mais o olhar das pessoas para esta temática, proporcionando conhecimento e esclarecimento sob a ótica da ciência, mais precisamente relacionando a Psicologia e o Empreendedorismo Feminino, e suas repercussões sobre subjetividade.

Além da presente pesquisa ter um cunho pessoal, existe também uma grande importância para o lado profissional, pois diante de pesquisas realizadas, fora observado que ainda existem algumas lacunas na exploração acadêmica sobre o empreendedorismo da mulher negra, principalmente na região de São Luís- MA. Isso torna-se um implicador, tendo em vista que nesta cidade, existem muitas mulheres que seguem esse ramo, mas não se tornam visíveis neste território.

Alguns fatores que também devem ser levados em consideração na pesquisa, são em relação aos impactos (positivos ou negativos) que a mesma pode proporcionar para as mulheres empreendedoras que serão entrevistadas. Nesse sentido, um possível efeito que pode ser descrito no momento, seria em relação da possibilidade das perguntas que serão feitas ocasionar algum tipo de sensibilidade nas participantes que serão entrevistadas, tendo em vista que serão questões voltadas para o lado profissional, mas que de alguma forma podem perpassar dimensões particulares, do emocional, o que poderá acontecer de maneira despretensiosa no roteiro.

A metodologia deste trabalho tem como base uma pesquisa de campo, esta que por sua vez tem como característica trabalhar com investigações, por meio de coleta de dados junto a pessoas, ou grupos de pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Nesse sentido, com a finalidade de coletar dados por meio de entrevista semiestruturada, sendo esta uma técnica de se colher impressões e registros sobre um fenômeno, através do contato direto com as pessoas a serem observadas ou através de instrumentos auxiliares. Assim, as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde a participante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (MINAYO, 2014).

Para a realização das entrevistas, as quais serão feitas de forma individual, serão selecionadas 5 mulheres negras empreendedoras na capital de São Luís- MA, com idades entre 20 a 50 anos, em ramos diversos de empreendimento (salão de beleza, culinária, artesanato, moda, escritoras, etc.) as quais serão convocadas através de seus possíveis contatos via redes sociais, e por meio de aplicativo de mensagem instantânea. Neste primeiro contato, será explicado a elas o objetivo e fundamento da pesquisa, e solicitar a permissão para que seja realizada a entrevista de forma presencial no seu local de trabalho.

A pesquisa terá como método a análise de conteúdo qualitativa, esta que por sua vez, tem como foco realizar uma observação descritiva, assim, tendo como proposta descrever as características de mulheres negras empreendedoras, no intuito de levantar informações necessárias a respeito desse público, para se obter uma elaboração de pesquisa plausível (SOUSA; SANTOS, 2020).

Por se tratar de uma pesquisa de campo, que envolverá seres humanos, será utilizado o termo de consentimento livre e esclarecido do público-alvo; a ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (beneficência), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos; garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência); evidência da relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os participantes da pesquisa e minimização do ônus para os participantes vulneráveis, o que garantirá a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária (justiça e equidade) (Resolução 196, de 1996, cap. III).

O trabalho será dividido em três principais capítulos, seguindo a ordem que dialoga com os objetivos específicos definidos no projeto. Sendo eles descritos da seguinte maneira: O tópico do capítulo 1 terá como título - “Empreendedorismo Feminino: Qual o seu significado?”, este tendo como primeiro sub tópico - “O sentido do trabalho para a mulher negra empreendedora”, e o segundo sub tópico - “A saúde mental de mulheres negras empreendedoras”. No segundo capítulo, partindo para resultados e discussão da pesquisa terá como título - “A prática do empreendedorismo na vida das mulheres”, neste capítulo será detalhado a análise de dados da pesquisa, ou seja, das entrevistas realizadas com as mulheres empreendedoras na cidade de São Luís- MA.

2 DESENVOLVIMENTO

Esta seção apresenta os construtos da pesquisa tais como o empreendedorismo feminino que aborda o significado e contexto histórico desse termo, o sentido do trabalho para a mulher negra empreendedora, e na sequência, aborda a respeito da saúde mental dessa mulher.

2.1 Empreendedorismo Feminino: Qual o seu significado?

O estudo do empreendedorismo feminino remonta à década de 1970, e até agora apenas o empreendedorismo masculino foi o que obteve mais evidência como objeto de pesquisa. Em meados da década de 1970 surgiram os primeiros estudos sobre o empreendedorismo feminino, muito importantes para o desenvolvimento científico da década de 1980, mas somente três décadas depois surgiram os primeiros artigos publicados sobre o assunto (GIMENEZ et al., 2017).

No entanto, em comparação com a década anterior, a década de 1980 tornou-se um período em que as pesquisas sobre o empreendedorismo feminino aumentaram significativamente, pelo menos quantitativamente, e esse crescimento pode ser explicado, pelo menos teoricamente, pelo aumento da participação feminina no mercado de trabalho não apenas como empregadas, mas também como empregadoras e donas de seus próprios negócios. A produção acadêmica internacional sobre o tema tem se limitado ao Hemisfério Norte, e os pesquisadores continuam estudando o fenômeno, ora pesquisando sozinhos, ora com ou outros parceiros, inclusive de outras instituições e países, Gomes et al (2014).

O empreendedorismo é um conceito antigo, embora tenha sido rotulado como algo novo atualmente. O termo vem da palavra francesa *entrepreneur*, que significa "intermediário", "estar entre". Segundo Fillion (1999), a primeira definição de empreendedorismo foi dada no século XVIII por Richard Cantillon, que definia empreendedor como um indivíduo que comprava algo, processava e revendia por um preço mais alto.

O empreendedorismo feminino ganhou enorme espaço nas últimas décadas. De acordo com o relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (2020), a taxa total de empreendedorismo no Brasil, que inclui startups e empresas estabelecidas, foi de 39,5%, indicando que 82 milhões de brasileiros entre 18 e 64

anos estavam envolvidos e que têm sua própria empresa, seja para estabelecê-la ou administrá-la. Em 2019, a taxa inicial de empreendedorismo era de 23,1% para mulheres e 23,5% para homens. Por outro lado, a parcela de mulheres proprietárias de empresas estabelecidas foi de 13,9% e a de homens de 18,5%. Tais dados confirmam o crescente interesse das mulheres pelo empreendedorismo, mas ainda é preciso tempo para equalizar a participação das mulheres no empreendedorismo brasileiro e superar a disparidade de gênero no país (GEM, 2020).

A participação da mulher no cenário empreendedor pode contribuir para aumentar a diversidade do mercado de trabalho, o que está relacionado ao aprimoramento dos processos organizacionais e administrativos e a um leque mais amplo de conquistas sociais (BERGER e KUCKERTZ, 2016). Apesar disso, mulheres que ocupam cargos de liderança e gestão empresarial enfrentam cada vez mais desafios em seu cotidiano, como discriminação de gênero e críticas da sociedade (BUI; KUAN; CHU, 2018; CAVADA et al., 2018).

De acordo com Natividade (2009), as mulheres iniciaram negócios por questões de sobrevivência. Assim, é possível elencar alguns dos motivos que levaram as brasileiras a se envolverem, como renda familiar, auto realização, busca de trabalho informal, entre outros (ALMEIDA et al., 2011). A maioria dos negócios liderados por mulheres são pequenos e com pouco capital inicial, pois esse recurso geralmente vem da poupança familiar (MACHADO et al., 2003). No entanto, segundo Jonathan (2011), o empreendedorismo feminino indica maior poder econômico e influência no crescimento do país.

Um estudo realizado pela Rede Mulher Empreendedora (RME) em 2016 para identificar o perfil da empreendedora brasileira mostrou que, em geral, a empreendedora brasileira também é mãe, casada, com nível superior, sonhadora, costuma ter experiência no mundo dos negócios, e está principalmente satisfeito com o sucesso de seu negócio (RME, 2016). Segundo a RME (2016), uma das características das mulheres empreendedoras é a dificuldade de delegar tarefas tanto em casa quanto no trabalho. Além disso, em relação à vida financeira, percebeu-se que elas têm dificuldades de planejamento, mas buscam informações e capacitação justamente por participarem de eventos nessa área.

A maioria das mulheres são classes sociais B e C e seus gastos são com moradia (37%), alimentação (24%) e dívidas (15%). Outro ponto importante é que o

ramo de atividade dominante é o de serviços, e quanto mais alta a classe social, maior esse índice (RME, 2016).

Pioneira no assunto, Machado (1999) apresentou tendências no comportamento gerencial de mulheres empreendedoras no Brasil com base em pesquisas anteriores. Além disso, Machado et al. (2003) estudaram o empreendedorismo feminino e o processo de iniciar um negócio feminino no Brasil, França e Canadá e descobriram que fatores como satisfação pessoal, oportunidades de mercado e insatisfação no trabalho foram os motivos mais importantes que motivaram as mulheres empreendedoras a iniciar um negócio. Conforme mencionam os autores, a iniciação do processo empreendedor envolvendo a compreensão da influência de valores, modelos e experiências anteriores poderia ter dado início na infância ou adolescência, quando este possível empreendedor em algum momento teve contato com outros empreendedores, e tenha se identificado os seus exemplos de valores e os adotou.

Ainda sobre os estudos a respeito do empreendedorismo feminino, Hughes et al. (2012) comentam que o aumento do interesse e da atividade acadêmica no campo do empreendedorismo feminino percorreu um longo caminho para corrigir a negligência histórica das mulheres empreendedoras e suas iniciativas, mas é necessário mais força à medida que o campo se desenvolve e amadurece para que os pesquisadores possam levar suas pesquisas em uma nova direção.

2.1.1 O sentido do trabalho para a mulher negra empreendedora

Considerando as condições das mulheres negras na economia e sociedade do Brasil, apesar da importância de seu trabalho na construção e desenvolvimento deste país desde os tempos da escravidão, parece que seus nomes não constam nas páginas da história oficial. Mulheres negras convivem com duplos preconceitos: de sexo por serem mulheres, e de racismo por serem negras. A vida e as ações das mulheres negras no Brasil foram ofuscadas pelas heroínas brancas, um passado que ficou atrás das caixas dos acervos e das bibliotecas, quase esquecido (BENEDITO, 2018).

O trabalho de uma mulher negra em uma sociedade escravagista não tinha valor porque era propriedade do senhor e, como tal, perdia-se com a morte. A mulher negra trabalhava em casa, no campo e nos centros urbanos e também era

responsável por doces, bolos, frutas, queijos, verduras e correspondências de um lugar para outro, para lugares distantes, entre outras coisas para o seu negócio. Em algumas cidades, como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, o comércio ambulante era claramente um trabalho feminino. "A presença da mulher sempre foi enfatizada na prática dos pequenos negócios nas cidades do Brasil colonial" (DEL PRIORE, Mary, 2007).

Embora as autoridades coloniais tivessem consciência da importância dos serviços prestados pelas mulheres comerciantes à população que vivia em lugares distantes e muitas vezes isolados, aldeias, garimpos, ao longo de rios e montanhas, elas não eram apreciadas, seu trabalho era invisível e, uma vez percebidos, as autoridades, apesar de sua contribuição, as viam como uma fonte de problemas, não como uma solução para a complexa distribuição de elementos necessários à sobrevivência de grupos populacionais definido acima (BENEDITO, 2018)

Houve algumas mudanças no trabalho feminino desde a Primeira República (período 1890-1930), quando a escravidão foi abolida, os negros foram libertados e a população brasileira como um todo começou a mudar de perfil graças ao processo de imigração europeia. Embora tenhamos percorrido um longo caminho, a desigualdade de gênero ainda existe e, quando envolve questões de raça, é ainda mais agravante. Assim, embora tenhamos avançado muito desde a Constituição Federal de 1988, quando a igualdade entre homens e mulheres foi proclamada no Brasil, por meio de um marco normativo que inclui uma série de medidas socioeducativas e econômicas implementadas com o objetivo de superar a desigualdade de gênero e raça, especialmente no mercado de trabalho (BENEDITO, 2018).

Aparentemente, em uma sociedade capitalista, o trabalho feminino é o que mais se espera, e foi nas últimas duas décadas que o empreendedorismo no Brasil começou a se tornar cada vez mais comum e a ganhar cada vez mais espaço entre a pequena população, incluindo mulheres que há muito tempo estiveram envolvidas em atividades informais para garantir seu sustento ou fortalecer seu orçamento familiar (BENEDITO, 2018).

As mulheres negras criaram uma relação social, histórica, cultural e, sobretudo, de resistência em relação ao trabalho. A modernidade comunica tornando as mulheres negras independentes e empoderadas, o que torna as mulheres negras protagonistas no processo subjetivo de preservação das famílias historicamente

negras. As estratégias que deram suporte e resistência às mulheres negras brasileiras e suas famílias durante o sistema escravista, além de ser um marcador de resistência cultural, também caracterizaram como elas se objetivavam, viam o mundo e lidavam com as relações de poder no espaço social. Ao longo dos tempos, o trabalho marcou os esforços das mulheres negras transformando a obtenção e conquista da alforria em relação ao potencial do empreendedorismo. Mais do que apoiar seus filhos, elas dirigem toda a sua energia para qualificar os lugares onde habitam (XAVIER; FONTOURA, 2013).

O papel da mulher no desenvolvimento histórico da humanidade é de grande valia, principalmente na cultura africana (BOMFIM, 2009). A história das mulheres negras tem sido marcada por sucessivas lutas contra o racismo e o sexismo, e as relações sociais, afetivas e econômicas do mundo têm sido caracterizadas por lutas e resistência à desigualdade de gênero.

Na distribuição de direitos e responsabilidades, as mulheres africanas desempenhavam tarefas sociais e econômicas e exerciam grande poder político (BOMFIM, 2009). Para a autora, a mulher negra no Brasil colonizado enfrentava um enorme dilema, e o arcabouço cultural retirado da cultura africana entrou em conflito radical com a população africana atual e com o processo de subalternização da população africana e na imputação dessa ordem sobre si.

A população feminina africana desempenhou um papel central na manutenção da cultura de trabalho das mulheres negras nos dias atuais. A realidade social encontrada no Brasil estimulou o resgate e reforço de antigos saberes que os fizeram comunicar e organizar diferentes formas de lidar com as relações sociais no novo mundo (XAVIER; FONTOURA, 2013).

Baseado neste contexto histórico, de acordo com Tolfo e Piccinini (2007) o trabalho tem um valor com muito significado tanto individual quanto no âmbito social, pois é um meio de subsistência, que, ao proporcionar o sustento, cria significados existenciais e contribui para a construção da identidade e da subjetividade. O trabalho pressupõe uma dupla relação entre o homem e a natureza, a qual cria sentido para este indivíduo. As autoras concebem o significado do trabalho como uma estrutura afetiva significativa e legitimam esse conceito ao mostrá-lo como um construto psicológico multidimensional e dinâmico que se forma pela interação de variáveis pessoais e ambientais e que é influenciado por mudanças no indivíduo, em seu ambiente de trabalho.

É importante mencionar que o significado do trabalho está relacionado com a representação social que determinada tarefa tem para quem a executa, seja individualmente (reconhecimento de sua tarefa em decorrência de uma proposta), seja em grupo (sentimento de pertencimento a um grupo comprometido com o cumprimento dessa atividade) ou social (um sentido de trabalho que afeta o todo, ou seja, a sociedade). Desse modo, definir o sentido do trabalho significa, além do sentido individual, coletivo e social do trabalho, o quanto a tarefa é útil para o grupo, o que inclui auto realização e satisfação, sentido de desenvolvimento pessoal, e desenvolvimento profissional, bem como liberdade e autonomia no desempenho das tarefas (TOLFO; PICCININI, 2007).

Para as mulheres negras, o trabalho tem uma grande carga de significado individual e social, como meio de produzir a vida de todos, que, ao fornecer alimentos, cria significados existenciais e contribui para a construção das identidades e subjetividades dessas mulheres. Nesse sentido, segundo Xavier e Fontoura (2013), o trabalho exige uma dupla relação transformadora entre o homem e a natureza que gera sentido. Além disso, segundo os autores, o sentido do trabalho pode ser considerado como uma estrutura afetiva repleta de significados, que legitima o conceito, mostrando-o como uma construção psicológica multidimensional e dinâmica que é formada pela interação de variáveis pessoais e ambientais e é afetado por mudanças no indivíduo, ao seu redor ou no trabalho. Determinar o significado do trabalho mostra, além do significado individual, coletivo e social do trabalho, a utilidade do trabalho, seu senso de auto realização e satisfação, desenvolvimento pessoal e profissional e desenvolvimento para o grupo ao qual pertence, e liberdade e autonomia no desempenho das tarefas (XAVIER; FONTOURA, 2013).

Uma vez que a construção do sentido do trabalho é entendida como um componente de uma realidade social construída e reproduzida, que interage com diversas possibilidades individuais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade em determinado momento histórico, pode ser pensado que o rompimento no circuito de significados na perspectiva das mulheres negras, pode causar sofrimento e ameaçar a saúde mental. Para as mulheres negras, a função social do trabalho, mais do que a sobrevivência pessoal e familiar, significa independência econômica e recompensa financeira em relação às garantias de sobrevivência familiar e individual. Nesse sentido, a relação com o trabalho pode ter

o sentido de crescimento pessoal, mesmo que o esforço subjetivo dê submissão hierárquica e crie um desafio intelectual e mental. (TOLFO; PICCININI, 2007)

Articulando subjetividade e trabalho, com base em Tolfo e Piccinini (2007), há uma definição de que o trabalho tem um significado relevante e pode ser influenciado pelos fatores em que o indivíduo está inserido (cultural e social), igualmente, o contexto social e cultural do sujeito afeta sua posição em relação ao outro. Para as autoras, trabalho significativo é aquele que preenche, satisfaz e estimula o sujeito a realizar tarefas, dando ao trabalhador a liberdade de aplicar sua criatividade e pensamento. Ademais sinalizam que:

A falta de sentido na tarefa individual e o desconhecimento do sentido da tarefa coletiva adquirem a sua verdadeira dimensão psicológica na divisão e separação dos seres humanos. Na sua concepção do choque entre um indivíduo, dotado de uma história personalizada, e a organização do trabalho, portadora de um caráter despersionalizante, emerge uma vivência e um sofrimento. (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 42)

Entretanto, se do ponto de vista do trabalho é possível transformar o sofrimento em prazer com o auxílio de habilidades e liberdades individuais, a relação da mulher com o trabalho tornou-se indispensável do ponto de vista da manutenção da sua saúde mental. Segundo Tolfo e Piccinini (2007), o trabalho geralmente está associado a significados de tortura e sofrimento, mas a capacidade das mulheres negras de transformar a natureza vivida, também deu origem a significados como a possibilidade de justiça, segurança e autonomia, auto aperfeiçoamento, satisfação, relacionamentos, entre outros sentidos. Nessa perspectiva, podemos dizer que as mulheres negras atribuíram sentidos e significados positivos ao seu trabalho, ao contrário de outras pessoas que só reconhecem o trabalho como obrigatório e necessário para a sobrevivência.

2.1.1.1 A saúde mental de mulheres negras empreendedoras

A mulher negra, ao longo de sua trajetória pelos períodos históricos do Brasil teve influência de diversos fatores que sempre interferiram para que ela não obtivesse garantia a uma vida digna (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2018)

A base para entender essas barreiras, segundo Almeida e Guimarães (2018) foi a existência do racismo e do sexismo, pois estes fatores foram sendo modificados, e ainda, já estando no século XXI trouxeram consigo elementos fundamentais da herança cultural contra a mulher negra, como a violência doméstica,

os estereótipos e sua dificuldade de inserção no mercado de trabalho, e de que estejam no cotidiano da sociedade, embora isto ainda não seja discutido de maneira recorrente. Por outro lado, embora a presença da mulher também seja escassa na representação historiográfica, ela sempre foi observada, e hoje está cada vez mais presente no contexto dos movimentos sociais, principalmente nas reuniões e discussões por meio das redes sociais (influenciado pela difusão das massas e melhor acesso aos meios de comunicação, com foco na internet) e a formação de coletivos de mulheres (que nas últimas décadas receberam mais atenção nos meios de comunicação entre universidades e sociedade e temas que eram poucos discutidos na academia).

A rotina da maioria das mulheres, a qual é caracterizada por longas horas de trabalho e múltiplos papéis sociais, mostra sua força e resiliência. Apesar de tantas e variadas demandas sociais, limitações e dos constrangimentos a que estão submetidas, muitas continuam trabalhando sem apresentar sintomas ou algum tipo de comprometimento físico e mental (OLIVEIRA, 2007)

No entanto, as demandas sociais sobre o gênero feminino colocam as mulheres em todos os tipos de posições desvantajosas. Essas desvantagens ameaçam não só o desenvolvimento social e econômico dessas mulheres, mas principalmente sua saúde. Uma saúde mental fragilizada aumenta significativamente o sofrimento e o desenvolvimento de doenças físicas e mentais. Além disso, as relações de gênero parecem contribuir para a prevalência de alguns transtornos de saúde mental entre as mulheres. Diferenças no acesso a recursos e apoios sociais e de saúde, pobreza, longas jornadas de trabalho, fatos comuns à maioria das mulheres e que são aspectos determinantes da qualidade da saúde mental (OLIVEIRA, 2007).

As mulheres pobres e negras são duplamente oneradas nesse sentido. Ao mesmo tempo, que carregam consigo os desafios e as demandas decorrentes da situação das mulheres e da fragilidade das dificuldades financeiras. A OMS relata que existe uma relação inversa entre status socioeconômico e boa saúde física e mental (WHO/OMS, 2000). As mulheres, que constituem a maioria das populações mais pobres do Brasil e do mundo, são, portanto, as mais vulneráveis a problemas de saúde (GLAUCIA DINIZ, 1999; HILDETE MELO, 2005).

Durante sua construção social, as mulheres negras organizaram sua luta pela subjetividade como um legado. A identidade cultural dessas mulheres é formada através da história e dos diferentes lugares os quais se distinguem através de uma

marca pela afirmação de identidades étnicas, raciais e de gênero. A diáspora africana deu à mulher negra uma herança que representa a sexualidade e o cuidado, a responsabilidade e a sustentabilidade do grupo familiar (XAVIER; FONTOURA, 2013).

Após a Abolição, a população negra até então escravizada ou recém-liberta formou um poderoso grupo trabalhista que permitiu que as mulheres negras pudessem fortalecer sua participação no mundo das relações de trabalho, aumentando os recursos econômicos. Como mulheres e negras, elas vivenciavam essas relações como nenhum outro grupo o fez, pelo menos, nenhum grupo vivenciou as relações humanas e de trabalho em uma situação em que a população negra escravizada do Brasil carecia de humanidade, ao contrário fora coisificada (BOMFIM, 2009). As autoras Sousa e Freitas (2012), afirmam que para as mulheres negras traficadas, as atividades como ganhadeiras, e ser mestre de negócios era natural, pois nas sociedades africanas as tarefas de manutenção doméstica e o ciclo sexual eram delegadas às mulheres.

O trabalho é visto como um aspecto cultural muito importante na trajetória de vida destas mulheres. Segundo Pantoja (2008), os registros históricos referem-se às quitadeiras como um grupo de mulheres que fortaleceu o comércio no século XVII em Luanda, na África, e no Brasil, locais onde a profissão de quitadeira ainda é exercida principalmente por mulheres. Essa justaposição marca a organização subjetiva da trajetória das mulheres negras, pois estas mulheres são identificadas culturalmente como provedoras, como pessoas que devem cuidar dos outros mesmo quando não estão em condições favoráveis, como exemplo, uma incapacidade física, seja isso de forma temporária ou não, até mesmo quando estão fora do mercado de trabalho. Dessa maneira, o significado de saúde mental que elas possam a vir obter sobre si, torna-se invalidada. E isso afeta de maneira significativa o seu bem-estar.

A subjetividade da mulher negra é reformulada como uma pessoa que se sente empoderada para lidar com essa história de saúde mental, preservando-a e estimulando-a subjetivamente a realizar as diversas ações que ela se propõe. Assim construímos marcadores étnicos, históricos e culturais para atravessar os caminhos percorridos neste país, mas com sujeitos subjetivados recuperando os antigos traços, que restauram na forma de sobrevivência e sustentabilidade (XAVIER; FONTOURA, 2013).

De acordo com Bento (2022) mais recentemente, em novembro de 2019, por meio de uma análise do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos

Socioeconômicos (Dieese), indicou que a população negra trabalha mais e ganha menos em todos os estados do Brasil, a média é de 30% menos em comparação com os não negros, sendo as mulheres negras o grupo mais afetado, visto que trabalham quase o dobro do tempo para obter o salário de um homem branco.

Diante desse estudo, pode ser percebido, o quanto as mulheres negras sempre precisam se submeter a mais no que diz respeito ao trabalho, para que dessa maneira elas possam 'tentar' construir algo que lhes façam sentir-se capazes de suprir determinada atividade laboral. Nesse sentido, muitas delas acabam se frustrando, pois começam a compreender que esse ideal equitativo com o homem e branco, se torna muito distante da sua realidade, tendo em vista que existem muitas desigualdades e privilégios para este determinado grupo social. Nessa perspectiva, Bento (2022) complementa dizendo que nas estatísticas sobre desigualdades no mercado de trabalho se constata uma invariável: mulheres negras ocupam a base da pirâmide, com os menores salários e cargos mais baixos.

Ademais, um exemplo muito evidente é a respeito da trabalhadora doméstica, a qual nesse cenário, concentra muito da atenção de estudiosas e de organizações do movimento de mulheres negras pela presença majoritária de negras nessa função e pela precariedade de sua condição de trabalho e de vida (BENTO 2022).

Atualmente as mulheres ainda recebem menos que os homens, e muitas ainda fazem uma jornada dupla, conciliando seus empregos com as tarefas domésticas, tarefas estas que, além de desestimulantes, exaustivas, não criativas e improdutivas, são muitas vezes invisíveis (DAVIS, 2016).

Por conseguinte, vale ressaltar que diante desse cenário de trabalho precário, a saúde física e mental dessas mulheres se torna um fator condicionante para que se romantize o trabalho, ou seja, todo esse lado que as torna de pé para a realização de suas atividades são desconsiderados, sendo levado em consideração apenas aquilo que elas têm de produtivo. Desse modo, a autora Evelle (2019), relata a importância de não romantizar o empreendedorismo, assim bem como não fantasiar o excesso de trabalho, porque segundo ela, existem coisas que podem ser evitadas, como exemplo, o fator de aprender a dizer não, pode ser uma ferramenta de gestão de tempo, para que possa impedir a propagação da precariedade do trabalho para a mulher negra, desse modo, para que ela obtenha recursos básicos e necessários para a sua dignidade de sobrevivência, bem como a sua sanidade mental.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo a discussão dos resultados teórico-empíricos obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas, demonstrando sua importância no processo de construção e desenvolvimento da pesquisa, cujo tema é complexo e atual na literatura. Vale ressaltar que a realização de cada uma das fases, desde a revisão da literatura sobre o tema, a realização da pesquisa empírica qualitativa, até a análise final dos achados, seguiu a cadência e a estrutura desenvolvida de forma sequencial, sob a ótica do fortalecimento do pensamento acadêmico, do correto delineamento da pesquisa apresentados.

3.1 Caracterização das Participantes

Trata-se de empreendedoras de diversos ramos de atuação (salão Afro, bijuterias artesanais, culinária/advocacia, cerimonialista, e confeitaria) e diferentes origens sociais, residentes na cidade de São Luís, estado do Maranhão. As idades das participantes variaram entre vinte e cinco (25) e cinquenta e seis (56) anos, estando com seu negócio a pelo menos um ano. Das cinco empreendedoras entrevistadas, apenas duas tem ensino superior completo, as outras duas estão com curso em andamento e pretendem concluir, e a última decidiu seguir apenas no seu ramo de empreendimento, sem cursar graduação superior. Todas trabalham em tempo integral em seus empreendimentos, e a maioria estão formalmente registradas.

Para preservar a identidade das entrevistadas, elas estão designadas em nomes fictícios, seguindo respectivamente a ordem das entrevistas. Desse modo, as participantes receberam as seguintes denominações: Alzira, Conceição, Cristiane, Elizandra, e Lélia.

3.2 Trajetórias no Empreendedorismo

Alzira, tem 43 anos, tem formação em Administração e está cursando sua segunda graduação em Serviço Social. Atualmente é casada e tem 2 filhas, as quais são do primeiro casamento. Sua trajetória no empreendedorismo teve início a partir do momento que ela se percebeu em um relacionamento abusivo no seu primeiro relacionamento. A partir desse momento ela começou a compreender o quanto era

importante obter sua independência financeira e o seu reconhecimento enquanto mulher. Deste modo, iniciou o empreendimento no ramo de salão para cabelo afro, e ao longo do tempo foi investindo em outras possibilidades, como sandálias artesanais de crochê, bolsas de pano, brincos e colares, roupas, e dentre outras. Ela atua como empreendedora há 25 anos.

Conceição possui 56 anos, atua em média há quatro anos como empreendedora no ramo de bijuterias, com foco nas cores do reggae. Ela iniciou, através de um curso de bijuteria, o qual foi ofertado pelo SENAC no bairro onde mora. Devido ao fato de ter passado muito tempo sem um emprego formal e depender financeiramente do esposo, considerou uma oportunidade interessante e decidiu se dedicar a este negócio. Por meio de pesquisas, ela achou interessante construir as peças nas cores verde, amarelo, preto e vermelho para valorizar a cultura do reggae, que faz parte da cultura do Maranhão.

Cristiane atualmente com seus 34 anos, é formada em Direito, exerce a profissão como advogada há nove anos e advoga como profissional liberal há dois anos. Além dessa atuação, ela junto com sua mãe e irmã, no período da pandemia da Covid-19, decidiram investir em uma cozinha delivery, isso se deu por conta do falecimento do pai, por dificuldades financeiras decorrentes deste acontecimento. Assim, resolveram utilizar a cozinha de casa para tentarem ganhar uma renda extra. Para investir, elas tiveram um capital inicial de três mil reais concedido por um familiar, mas também participaram de um projeto de capacitação de mentoria com mulheres negras chamado “Elas Prosperam”, foram umas das finalistas no projeto e ganharam o prêmio de 10 mil reais. Mas hoje, Cristiane está mais ativa empreendendo na advocacia, tendo em vista que na parte da culinária ela e suas parceiras não estavam mais obtendo lucro suficiente e decidiram fazer os pedidos apenas sob encomenda.

Elizandra é uma jovem empreendedora de 25 anos de idade e atua no ramo de cerimonial de festas de casamento em média há 7 anos. Ela menciona que eventos sempre foram “a sua cara”, em casa, na igreja e na escola não era diferente. Tudo começou durante o período do ensino médio, no Instituto Federal do Maranhão- IFMA, onde começou a se tornar responsável pela organização dos eventos escolares e assim foi construindo ainda mais sua identificação neste segmento. Após concluir o ensino médio/técnico e completar a maior idade ela oficializou a sua primeira empresa de cerimonial e eventos, na qual ela exerce o seu trabalho atualmente. Ela menciona que todo o seu embasamento se deu a partir da sua aprovação e formação no IFMA.

Lélia, uma mulher empreendedora de 32 anos, atua na confeitaria há 10 anos. Aos 18 anos de idade, após ter concluído o ensino médio, ainda não tinha nenhum emprego em vista, então decidiu começar na confeitaria, a princípio como um passatempo, mas após ver um panfleto sobre o curso de confeitaria, entendeu que seria interessante fazê-lo. Na sua casa sempre moraram muitas pessoas e por isso passou a fazer os bolos de aniversário da família. Com o passar do tempo, amigos de familiares começaram a fazer encomendas, então ela se deu conta que realmente dava para ganhar um “dinheirinho”, como mencionou, vendendo bolos. Dessa maneira, começaram as divulgações “boca a boca” e assim o seu empreendimento foi crescendo.

3.3 A prática do Empreendedorismo na vida das Mulheres

As mulheres empreendedoras entrevistadas atuam em ramos diferentes, não se conhecem, mas se conectam a partir de suas experiências e suas falas sobre como são vistas dentro do empreendedorismo. Além disso, fora observado que as respostas de cada participante têm um significado singular, mas que de algum modo elas se complementam. Assim, a seguir serão elencados os tópicos das perguntas realizadas e as análises decorrentes das falas obtidas.

3.3.1 O que motivou as participantes a iniciarem no empreendedorismo

Problematizar aspectos de gênero e de raça no empreendedorismo não significa, necessariamente, assumir essas duas identidades como um problema que precisa ser resolvido, mas conforme explica Foucault (1994), refletir sobre as relações que podem ser estabelecidas entre si mesmos e sobre as subjetividades, para que se possa pensar em práticas de liberdade por meio do cuidado de si. Trata-se, então, de pensar e estabelecer uma nova relação consigo mesmo que aprimore as práticas de liberdade dentro de ordens pré-estabelecidas e que permita uma expansão das possibilidades de existência como sujeitos (GALLO, 2017). Partindo dessa afirmação, existe uma grande relação desta fala do autor a respeito do significado de liberdade para cada uma das participantes, tendo em vista que cada uma delas atrelou o motivo de empreender como uma maneira de se libertar de algo ou alguém.

Os negros já empreendiam no Brasil-Colônia. Desse modo, há que se constatar assim que o ato realizado pelo escravizado/a de ganho, ou pelo negro-campesino, erguia-se perante ele e todos os demais negros como um ato de resistência. Mesmo escravizado, o negro usou o empreendedorismo como caminho para a compra de sua liberdade. Realmente, poderíamos dizer aqui, sem força de expressão, que o **empreendedorismo liberta** (SANTOS, 2019). A partir dessa afirmação, pode ser percebido o quanto isso tem relação com a fala de Alzira sobre a palavra Liberdade:

O que me motivou a ser empreendedora, foi por conta da liberdade, do reconhecimento enquanto mulher, e a necessidade de me sustentar, para sair de um relacionamento abusivo. Adquirir independência financeira, para poder me libertar do relacionamento.

Segundo Santos (2019), através do empreendedorismo o negro deixa o lugar de coisa e passa a ocupar a posição de sujeito. A força do empreendedorismo, para o negro, desde a Colônia, significa muito mais que abrir seu próprio negócio; essa força transformadora do ato de empreender não só significava, ela ressignificava o negro. Este, então, retomava sua humanidade e se libertava dos grilhões da escravidão. Essa possibilidade de que o ato de empreender possa servir para transformar vidas, impulsionar sonhos e ressignificar existências permanece até os dias atuais.

A autora também complementa que ao empreender, o negro desprende-se da ideia servil à qual sua imagem foi, estrategicamente, associada e pela qual sua identidade é atravessada. Isso fica bastante evidente na fala da participante Lélia, quando ela aborda sobre os diversos tipos de racismo que ela enfrentou e como os seus clientes imaginam o seu perfil

Quando eu entrei nesse empreendimento de fazer bolo, no começo foi mais porque eu era muito nova, então assim as pessoas tinham a concepção de que fazer bolo tinha que ser velho e gordo. As pessoas perguntavam: Tu sabe mesmo fazer bolo? Sei, sei sim, tenho todos os cursos, fiz curso, tal, tal, tal. Tinha algumas situações assim, que eu ia entregar o bolo, aí a pessoa falava, diz pra Lélia que eu vou pagar, eu dizia eu que eu sou a Lélia. Eu brinco até lá dentro com as meninas, digo rapaz será que esse pessoal pensa que eu tenho voz de branca? Porque quando eu chego para entregar o bolo, elas pensam que eu sou a empregada.”

Diante de tudo isso, Santos (2019) aponta que o **reposicionamento do negro** no âmbito dos negócios implica em um giro fundamental em que se abandona a posição de mercadoria e atravessa-se para a posição de sujeito-mercador. Há um

deslocamento do negro-coisa para negro-ser, e isso é paradigmático. Este ponto também pode ser muito aplicado na fala de Elizandra quando ela diz o seguinte:

Foram algumas situações que me fortaleceram porque, assim, eu falo que eu sou muito... como é que eu posso estar falando... eu gosto de desafios, quando eu comecei a empreender as pessoas chegavam e falavam que isso não era o tipo de mercado pra mim, né? E assim, evento sempre foi a minha cara, né? Tanto em questão de família, questão de igreja. Então no meu segundo ano do ensino médio, lá em 2014, eu comecei já executar alguns eventos dentro da própria instituição.

3.3.2 Recursos/Meios considerados importantes para a progressão no empreendedorismo

Segundo Silva (2018) assim como ocorre em todos os aspectos da vida moderna, as relações econômicas não se constituem como uma realidade autônoma dentro do contexto social, uma vez que a maneira pela qual os atores sociais dão significado aos objetos e práticas devem ser compreendidas a partir das interações vivenciadas em um determinado contexto, compreendendo as dimensões culturais, políticas e sociais que giram em torno do modo de se organizar da sociedade. Por isso, a autora aponta que o 'empreendedorismo negro' é um grande desafio para as pessoas oriundas de etnias africanas, posto que o mero preconceito cria mecanismos nos quais os espaços de empreendedorismo são 'mais fechados' para as pessoas negras do que para as pessoas brancas e outros povos.

Apesar desses desafios, hoje cada vez mais negros têm conseguido empreender, sobretudo no campo formal, mesmo que atuando sozinhos, sem a ajuda de empregados. Há empreendedores por necessidades e outros que o fazem dadas as oportunidades que surgem esta iniciação, de um modo ou de outro, impacta profundamente o desenvolvimento da atividade empreendedora. Na esfera da informalidade, muitos negros já buscavam estratégias lícitas de custear sua existência e manter a família. Mas, desenhando-se um cenário diferente, cada vez mais negros tem conseguido desenvolver atividades empresárias dentro das formalidades legais, ou seja, devidamente registrados e cumprindo todos os dispositivos legais correspondentes (sozinhos ou com empregados) (SANTOS, 2019). Diante dessa pontuação da autora, pode ser notada sua correlação na fala de Conceição, quando ela se refere a sua prática como empreendedora:

Os recursos foi eu mesmo procurar, a questão mais difícil é a questão do dinheiro, né? Pra poder comprar o material pra manter ou pra dar continuidade, né? Porque as vezes você vende uma coisa mas não é suficiente pra você dar continuidade, fazer o teu trabalho. Se você não

produzir, você não tem o que vender. E seria a questão financeira. Pra tá investindo e é o que eu não tenho, as vezes é o que eu sinto falta.

Sendo assim, de acordo com os estudos de Santos (2019) não há como dissociar o ato de empreender realizado pelo negro, rotulado atualmente como afro empreendedorismo, de todo o processo de colonização e escravização do negro. Neste processo de evolução, o ato de empreender, para o negro, preservou seu significado nuclear, que é a chance da libertação, da humanização. Porém, quanto mais avança o processo de busca por trabalho para a população negra, inúmeras portas se mantêm fechadas, obstruídas por práticas racistas que impedem a absorção da mão de obra negra pelo mercado.

Negros, no Brasil, possuem grande dificuldade de receber empréstimos e poderem ter seus negócios financiados por instituições financeiras. Os bancos negam com frequência créditos para negros, considerando a baixa credibilidade dos mesmos (ranços de uma construção cultural racista, colonial e persistente). Mas atualmente, já existem fundações criadas por negros com o intuito de auxiliar outros negros a empreender (SANTOS, 2019). Pode ser corroborado pela fala da participante Alzira, quando ela menciona justamente sobre questão de empréstimos nos bancos:

Detalhe empreendimento negro, pois para o negro, e principalmente sendo mulher, é tudo mais difícil de conseguir”, os créditos em banco é menor, o acesso as matérias primas torna-se difícil, tudo é mais difícil.

Por outro lado, de acordo com Santos (2019), atualmente já existe o movimento Black Money, o qual também se manifesta através da recente estratégia do mercado apresentando produtos voltados e produzidos para o público negro. O que também se remete a fala da Alzira, quando ela menciona o seguinte:

Outra questão foi a dificuldade da matéria prima, principalmente a respeito do produtos para cabelos afros, os quais não tinham na época em São Luís, não se tinha acesso à internet, pobre há 25 anos atrás não tinha acesso à internet.

A maioria dos negros no Brasil não possuem conta bancária, não possui emprego formal e trabalham para suprir necessidades básicas e primárias, como alimentação e vestuário (SANTOS, 2019). Mas, através do afro empreendedorismo e do Black Money o negro ergue-se e força sua mobilidade promovendo mais que um enegrecimento do mercado e sim um enegrecimento de espaços até então inalcançáveis por negros na pirâmide social. Isso tem uma forte relação com a fala de Elizandra, que é o seguinte:

(...) oportunidade de proporcionar uma profissão para as pessoas que trabalham comigo. (...) Porque muitas que trabalham comigo hoje, nós somos uma empresa com sete mulheres, todas elas e assim, a maioria delas, a fonte de renda é somente desses eventos. Então assim, eu sempre digo que não sou eu apenas que sou beneficiada, mas todo mundo, né? Porque consequentemente todo mundo tá junto.

O ato de empreender realizado pelo negro, o afro empreendedorismo, de acordo com Santos (2019), representa também um desabafo do sem lugar, do corpo que pretende expandir-se, mas, por ser negro, só encontra muros e obstáculos. É de supor que muitos negros acabam conduzidos para o empreendedorismo, seja porque perderam seus empregos ou porque são constantemente rejeitados pelo mercado de trabalho e cansados de receber “porta na cara”, decidem empreender. Isso pode ser compreendido na fala de Conceição:

Ainda não sou totalmente independente não, ainda não é suficiente ainda o que eu tiro através do que eu faço, não é suficiente pra me manter. Fiz um processo seletivo pra trabalhar pela fundação de patrimônio histórico, mas ainda não me chamaram, no momento o que tenho é essa, não tem outra renda.

3.3.3 Possibilidades e contribuições do empreendedorismo na vida da mulher

As possibilidades de empreender para a mulher negra passa por muitas resistências, as quais se constituem de um processo de subjetivação, em que esta mulher enquanto sujeito não resiste racionalmente ou emocionalmente, conscientemente ou não diante desse processo (SCOTT, 2004). Entretanto, as resistências, assim como o poder, se constituem de uma relação que ocorre por meio dos discursos, onde ocorrem as reproduções normativas. Uma vez que toda repetição dessas normas é instável traz instabilidades e riscos, o que possibilita sua subversão (HARDING; FORD; LEE, 2017). Desse modo, pode ser compreendido que para a mulher negra empreendedora as possibilidades que surgem para ela atuar, seja como autônoma ou em um trabalho formal, esta mulher se lança de maneira intensa no trabalho, independente do que isso possa lhe ocasionar, tendo em vista que a necessidade de obter autonomia é o mais importante.

Por outro lado, Souza e Parker (2020) consideram que a liberdade nunca é transcendente, mas uma relação reflexiva com os conhecimentos e poderes que constituem uma realidade, uma prática possível. O cuidado de si, então, pode levar a práticas de liberdade, que por sua vez abrem a possibilidade de transgressão das normas e regras particulares que passam a nos definir de maneiras particulares. Adicionalmente, o cuidado de si pode ser compreendido também como uma prática

de resistência que pode levar a práticas de liberdade. No caso da participante Alzira, essa liberdade é entendida por meio da compreensão que ela possui sobre a sua atuação e de outras mulheres empreendedoras no mercado de trabalho, o que contribui para transgredir as normas e definições convencionais sobre o que significa uma mulher que empreende.

Através do empreendedorismo consegui me libertar da dependência financeira que eu tinha na época do meu ex-marido, consegui criar as minhas duas filhas, pagar escola de qualidade, a graduação delas, e minha própria graduação, já tenho formação em administração, e atualmente curso Serviço Social. Tudo isso, construí por meio do meu empreendimento.

Por uma outra perspectiva, Santos (2019) considera que este deslocamento da mulher se compreender enquanto sujeito livre, para além de econômico-financeiro, é social, cultural-ideológico, geográfico e histórico. É, sobretudo, transgressor. A autora complementa que quando um sujeito posicionado socialmente no lugar de oprimido se desloca e busca novas formas de existir, assumindo riscos, desenvolvendo uma atividade empresária, construindo novos negócios, há todo um colapso estrutural derivado do movimento transformador. Passa a existir uma nova dinâmica no jogo social e, portanto, velhas regras são esvaziadas e novas passam a se fazer necessárias. Isso pode ser reafirmado na fala da Elizandra, quando ela diz que:

Assim, as possibilidades elas acabam agregando bem mais, principalmente nesse contato interpessoal, né? Porque lidar com eventos, principalmente casamento é lidar assim, com famílias. Então acaba que agregando ainda mais expandindo esse ciclo de amizade, essa questão de forma especial com cada casal.

Essa mulher que transgredir e, insubmissa, ousa empreender, promove um movimento que gera repercussões em muitos outros aspectos da vida. Quando essa transgressão ocorre, seja por qual motivo for, desemprego ou desespero, toda engrenagem precisa se mover. Esta mulher, passa por uma transformação psíquica, envolvendo recuperação de autoestima e autocuidado, que reverbera essa energia por todo o seu entorno e além (SANTOS, 2019). Isso remete a fala da participante Conceição, quando ela coloca que:

Acho que eu me sinto um pouquinho mais independente, mas eu dependi totalmente do meu ex-marido, né? E através dessas vendas, que são poucas, a gente vende pouco, mas o que a pessoa também ganha é ter contato com outras pessoas, as vezes você poder até desabafar comigo, até no momento que você não tá legal.

Outra questão importante, Santos (2019) fala que esta mulher passa a poder gerenciar melhor suas finanças e seus horários de trabalho, o que permite que consiga conciliar trabalho e maternagem. Assim, a mulher negra-mãe-empREENDEDORA interfere até no desempenho escolar de seus filhos, em suas possibilidades profissionais e em seu futuro. A fala da Lélia se reflete muito nesse aspecto:

Eu me considero privilegiada de ter montado o meu próprio negócio porque eu consigo passar mais tempo com meu filho, e eu consigo definir os horários que eu posso trabalhar para poder tirar uma folga a mais.

A ideia de **autocuidado** vem fortemente atrelada ao movimento feminista negro. Ao se buscar empreender, a mulher negra promove valorização de autoestima, independência econômica e emancipação. Esse processo pode ser considerado altamente curativo e transcendental. Este movimento de emancipação impacta, inclusive, na percepção do **lugar de fala** da mulher negra no contexto socioeconômico e político (SANTOS, 2019).

Essa independência é importante, até por conta da saúde mental, para se sentir bem, valorizada, e a autoestima, porque isso faz parte, quando a pessoa se auto sustenta ela valoriza a pessoa quem ela é (Alzira).

Partindo desse pressuposto e diante do reconhecimento de um cenário desfavorável para a participação da mulher negra no setor do empreendedorismo, busca-se apresentar as diversas formas de abrir uma empresa. Sendo essas possibilidades descritas como: MicroempREENDEDORA Individual (MEI); Empresa de Pequeno Porte (EPP) e Microempresa (ME): MPEs; e EIRELI - Empresa Individual de Responsabilidade Limitada.

Segundo Macedo (2009) o MicroempREENDEDOR Individual (MEI) foi uma categoria criada para contemplar trabalhadores/empREENDEDORES que atuavam fora dos panoramas de formalidade e da legalidade (formalizando o trabalho informal), de modo que o MEI passou a ser configurado no caso brasileiro em julho de 2008. Quando se fala em MEI, deve ser compreendido o empREENDEDOR individual, aquele que realiza atividades profissionais por conta própria e se legaliza como microempRESÁRIO, de acordo com os índices de faturamento anual, desde que não tenha participação em qualquer outra empresa como sócio ou titular.

Um dos aspectos que dificulta a obtenção de dados precisos sobre o empreendedorismo da mulher negra no Brasil se deve aos índices de informalidade contemplados por essas mulheres na contemporaneidade. A mulher negra se vê diante de um cenário desfavorável e sofre com a falta de informação sobre as

possibilidades de formalização de sua atividade empreendedora, mantendo-a na informalidade e, por conseguinte, longe dos dados angariados pelos institutos de pesquisa (PEREIRA et al, 2018).

O papel desempenhado pelas micro e pequenas empresas no contexto da economia capitalista de nossos tempos é bastante relevante, uma vez que as MPEs envolvem uma grande movimentação de valores financeiros, contribuindo para o Produto Interno Bruto (PIB), gerando empregos, participando em arranjos produtivos (GUERRA; TEIXEIRA, 2010). Trata-se de uma alternativa viável para o empreendedorismo brasileiro, com regimes diferenciados um pouco mais complexos em relação ao MEI para os empreendedores que ganham mais do que o limite para o microempreendedor individual, atualmente fixado em R\$ 81.000,00 (oitenta e um mil reais).

Santos, Krein e Calixtre (2012) apontam para a abertura das MPEs como um verdadeiro fomento ao empreendedorismo em âmbito nacional. Contudo os autores também apontam que uma parcela significativa de micro e pequenas empresas (ou ao menos de empreendimentos que se enquadrariam nessas categorias de acordo com o faturamento e o número de empregados) na maioria das vezes não são reconhecidos, ou não tem o devido conhecimento sobre esta categoria. Para a abertura de uma MPE, devem ser seguidos basicamente os seguintes passos: Separação da documentação necessária; registro de empresário e enquadramento como ME ou EPP na junta comercial municipal, a partir do requerimento preenchido; inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); solicitação do Alvará de Funcionamento; inscrição no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

Campos (2018) aponta que as micro e pequenas empresas se constituem como um dos pontos centrais da atuação do empreendedorismo negro (contemplando homens e mulheres na contemporaneidade), o revelando como uma estratégia de grande relevância para a população brasileira a partir da geração de empregos e rendas e na constituição de exemplos que irão servir como referenciais para que outros homens e mulheres negras possam se inspirar para empreender.

A abertura de uma EIRELI deve seguir as mesmas etapas das constituições das MPEs, basicamente, além da elaboração de um documento constitucional a ser encaminhado para a Junta Comercial estadual ou no cartório da comarca onde será aberta a empresa. Além disso, devem ser emitidos os alvarás, licenças e órgãos de classe. Rodrigues, Ferrer e Simões (2016) apontam que essa legislação e a EIRELI

foram instrumentos criados para abarcar a evolução e o estímulo à economia e ao desenvolvimento social a partir da instituição de uma nova pessoa jurídica no ordenamento jurídico pátrio.

A abertura de uma EIRELI, nesse sentido, pode ser uma alternativa para o exercício do empreendedorismo da mulher negra. Porém, isso varia de acordo com as condições financeiras e relacionadas à atividade desempenhada por essa empreendedora. Se comparada a outras alternativas como a abertura do MEI e a constituição de ME, a EIRELI apresenta algumas desvantagens, sobretudo diante do capital exigido (PEREIRA; et al, 2018).

Existem uma série de possibilidades para a abertura de empresas e fomento à atividade empreendedora no Brasil, as quais podem ser exploradas pelas empreendedoras negras de acordo com um diagnóstico real de sua situação. Em contrapartida, Machado et al. (2002) ao analisarem especificamente o processo de criação e abertura de empresas por mulheres, apontam para a necessidade de criação de políticas públicas que incentivem o empreendedorismo feminino (compreendendo nesse enfoque também o empreendedorismo da mulher negra), algo que não é exclusivo ao caso brasileiro, mas também de diversos países como Grécia, Coréia do Sul, Espanha, Austrália, dentre outros (PEREIRA; NUNES, 2018).

As possibilidades de abertura de empresas no Brasil apresentadas acima detêm sobretudo o intuito de fomentar a atividade empreendedora no país, gerando empregos e renda e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico nacional. Porém, conforme observado ao longo do desenvolvimento do presente estudo, verificou-se que embora avanços importantes tenham sido realizados nesse sentido, existem inúmeras possibilidades que podem ser melhor exploradas para fomentar o empreendedorismo da mulher negra. Uma alternativa para fomentar o empreendedorismo da mulher negra em âmbito nacional e regional idealizada a partir do diagnóstico realizado no estudo constitui-se a partir do reconhecimento da dualidade de dificuldades enfrentadas pela afro empreendedora brasileira: de um lado, ela sofre os desafios voltados para o empreendedorismo negro; e de outro, os desafios voltados para o empreendedorismo feminino. O enfrentamento desse cenário pode partir do ideário que envolve ir ao encontro dessas mulheres. Muitas vezes a mulher negra compreende que as atividades empreendedoras não são aplicáveis a ela, o que se caracteriza pela falta de informação fornecida a estas mulheres. Uma solução nesse sentido seria incentivar o empreendedorismo negro nas periferias, a partir de

iniciativas das prefeituras municipais das cidades brasileiras. Supõe-se, por exemplo, a possibilidade de realização de eventos gratuitos nas periferias da cidade de São Luís, ao abranger mulheres de todas as idades a partir da adolescência, tornar-se-ia possível não tão somente direcionar as jovens periféricas para atividades empreendedoras, como também tornar o ambiente de negócios mais atrativo para mulheres que já exercem atividades profissionais de um modo informal, como cabelereiras, profissionais domésticas, cozinheiras, dentre outras. A exemplo pode ser observado um pouco disso na fala da Alzira, quando ela se remete as jovens empreendedoras

Tenho percebido, o quanto as mulheres tem tido a necessidade de estar buscando o seu auto sustento, muitas meninas jovens empreendedoras, que começam a construir as coisas, na maioria das vezes na sua própria casa.

3.3.4 Identificação dos impactos do empreendedorismo no aspecto físico, mental e social

De acordo com os estudos de Bento (2022), o espaço de trabalho para a mulher negra sempre foi visto à margem, ou seja, o lugar de servidão, o que representa nos dias atuais a denominação de empregada doméstica a qual remonta também a um espaço social que atravessa os séculos e bebe a fonte da escravidão. Mulheres negras responsáveis por cuidar, limpar e alimentar um lar. Isso atravessa dimensões muito particulares dessa mulher, o que pode ser compreendido na fala de Alzira:

A mulher precisa trabalhar muito mais, normalmente mulheres provedoras do lar, são mães solo, precisam se desgastar mais (criar os filhos, dar conta do empreendimento), tudo é mais difícil.

As questões envolvendo as minorias como o povo composto por afrodescendentes e especificamente a mulher negra são bastante complexas e revestidas de valor histórico. Ao longo da história, as pessoas consideradas 'diferentes' do padrão de aparência branca sempre sofreram com a exclusão social e com um panorama insólito de desigualdade. A pessoa negra foi segregada da pessoa branca, sendo excluída não apenas de espaços importantes para a formação humana (como a escola) mas também de espaços voltados para o mundo do trabalho e para o empreendedorismo (PEREIRA; NUNES, 2018).

Esse racismo institucionalizado no Brasil passa por uma preterição de pessoas negras, o que provoca por exemplo que um indivíduo negro seja preterido a

um indivíduo branco em uma determinada entrevista de emprego. Para que o negro possa ‘competir’ com o indivíduo branco ele precisa dominar características e habilidades de um modo inegável em relação ao concorrente branco (PEREIRA; et al, 2018).

Bento (2022) corrobora na sua obra *O Pacto da Branquitude*, quando relata acerca de uma jovem negra, que tinha fluência em três idiomas, pós graduação na área de negócios, mas ouviu da consultora de recursos humanos que o seu perfil nas redes profissionais era muito “deslocado” (cabelo crespo, volumoso, roupa colorida) e que o cabelo liso e roupas mais “sóbrias” poderiam ser mais apropriados e favoreciam que ela encontrasse uma oportunidade qualificada de trabalho.

Partindo desse exemplo, vale ressaltar e lembrar o quanto o estereótipo da mulher negra é emblemático de um incômodo que não tem a ver tanto com o cabelo, com o ser magra ou gorda, mas sim com o que representa a presença negra nos espaços que a branquitude considera exclusivamente seus.

Assim, de acordo como apresenta Santos (2019) em seu livro – *O lado negro do Empreendedorismo*, que empreender não se apresenta só como um caminho para a liberdade. Se mostra como única alternativa para o negro que não quer mais ser rechaçado, impedido de trabalhar em ambientes que exigem “boa aparência”, experiência ou domínio de alguma língua estrangeira, ou quaisquer outros artifícios usados para excluir ou rejeitar o negro que não alcança padrões desejados.

Por outro lado, pode-se observar ainda uma questão de gênero arraigada, onde o homem empreendedor segue sendo o profissional de sucesso e a mulher empreendedora a profissional que empreende para sobreviver, mesmo que seu empreendimento seja bem-sucedido. No contexto brasileiro, além do gênero, os aspectos de raça se constituem de um marcador social fundamental para a compreensão dos discursos que circulam sobre este fenômeno. O homem identificado como empreendedor de sucesso é branco, sendo que a mulher segue sendo vista como o Outro (FERRETTI, 2021). Porém, raça e classe se interseccionam à identidade de gênero e, mesmo que este indivíduo empreendedor seja homem, se ele for um homem negro, passa a ser enxergado também como Outro, conforme reflete a participante Cristiane, ao ser perguntada sobre os pontos positivos e negativos na sua atuação como empreendedora

Negativas, uma mulher empreendedora, advogada, eu percebo já a discriminação, principalmente por ser mulher, por exemplo, eu percebo que pelo homem, um rapaz que tem aqui no escritório negro também é como se

ele passasse mais credibilidade. E o outro sócio por ser homem, branco, então ele acaba passando mais. Eu já percebo isso de forma negativa nos clientes, nas pessoas.

Para Vilela e Hanashiro (2020), os desafios de equidade de gênero perpassam vários níveis hierárquicos nas organizações, sendo ainda constatada a presença substancialmente menor de mulheres, especialmente em cargos mais estratégicos, bem como em níveis de gestão e coordenação das equipes. Adicionalmente, no contexto empreendedor, os discursos tendem a normalizar o homem como figura heroica, inovador e profissional mais propenso a correr riscos, o que tende a desqualificar a atividade empreendedora exercida por mulheres (VIEIRA et al., 2019).

Partindo desse ponto, percebe-se que o racismo institucional, na maioria das vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado (BENTO, 2022). Isso é muito semelhante na fala da Lélia

Tanto que na minha adolescência eles diziam que a gente ia engravidar cedo ou ia ser prostituta ou ia usar droga ou ia ser cachaceira, que a gente não queria saber de estudar, assim enfim, que com o passar do tempo algumas vezes a gente chegou a escutar diretamente e outras indiretamente.

Assim, ao decidir não se submeter às pressões de mercado e à lógica patriarcal que influencia a forma como elas eram enxergadas no mercado de trabalho, a ação das participantes Cristiane e Lélia de optarem pelo empreendedorismo se constitui de uma possibilidade de resistência. Entretanto, os discursos que normalizam o contexto empreendedor sinalizam mais um desafio que precisa ser enfrentado pelas duas ao se posicionarem como profissionais de sucesso em seus empreendimentos.

Enquanto o homem negro empreendedor é posicionado como o Outro, a empreendedora negra habita o que Kilomba (2019) considera um espaço vazio ou terceiro espaço. Trata-se de um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, sustentado pela polarização do mundo em negros de um lado e mulheres do outro, constituindo narrativas separadas. Essa separação, segundo Kilomba (2019) contribui para a invisibilidade das mulheres negras, que passam a ser consideradas não como Outro, mas como Outridade, ou seja, em um processo para tornar-se o Outro, mas representando um tipo de ausência dupla, uma vez que se constituem de antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade.

Akotirene (2018) considera que a interseccionalidade permite às feministas uma compreensão da fluidez das identidades vistas como subalternas e

consequentemente impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e de raça às opressões. Esse lugar de subalternidade se reflete também no empreendedorismo em que a construção social admite ou não que mulheres negras atuem em determinados segmentos. Desse modo tem-se como exemplo a fala da participante Elizandra:

Mas assim, de forma positiva é porque hoje eu consigo me considerar como referência de mulher negra nessa área. Porque assim, não tem, entende? Existem promotoras de eventos, cerimonialistas e que estão há mais tempo. Mas todas elas já iniciaram tipo de classe A para cima, né? Então literalmente fui começando de baixo pra poder hoje alcançar um público digamos que são considerados classe A e que teoricamente eram só determinadas pessoas que atuavam lá, e eu consegui chegar, né? Assim, mas é notório que não foi fácil, não continua sendo, mas em relação a especialização, a avaliação de todos os clientes, eu começo a ser bem mais vista como profissional do que necessariamente como sendo a Elizandra né? Digamos assim.

Bento (2022) aborda que de acordo com as suas experiências no mercado de trabalho, ela foi consolidando uma perspectiva sobre o modo de operacionalização das discriminações dentro das organizações. Em que questões éticas, morais e relacionadas com a democratização de espaços institucionais sempre são tratadas através de uma perspectiva “racional”, que busca justificar as desigualdades a partir da ideia de mérito. Ou seja, se constatamos representação excessiva de pessoas brancas nos lugares mais qualificados é porque elas merecem isso e a ausência de negras e negros e de outros segmentos deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados. Isso fica bastante claro na fala da Elizandra:

Então assim, eu comecei a, não digo que maquiagem essa situação, mas assim, substituir essa percepção que as pessoas olhassem como a profissional e não necessariamente questão de condição financeira ou até mesmo cor de pele, porque a gente sabe que existe esse preconceito estrutural né? Então assim é uma coisa que hoje ainda é presente, mas eu me sinto bem mais segura para afirmar, ser cancelada às vezes só por um olhar ou estereótipo, né?

Por ser mulher, a construção social também tem dificuldades de enxergá-la como uma empreendedora que não empreende na lógica da sobrevivência. Assim, no contexto empreendedor, mais do que ser o Outro, a mulher negra sofre dupla exclusão (KILOMBA, 2019). Conforme continua a argumentar a autora, a exclusão de gênero ocorre porque enquanto a mulher branca é posicionada como o Outro, a mulher negra é invisibilizada nas discussões acadêmicas e de mercado. E a exclusão de raça ocorre porque sendo o homem branco o Outro, a mulher negra é novamente imperceptível, uma vez que o Outro racial é o homem negro.

Adicionalmente, a mulher empreendedora negra tende a ter seus empreendimentos constantemente desqualificados, especialmente as atividades realizadas por empreendedoras periféricas, vinculando-as exclusivamente à lógica da sobrevivência. As atividades empreendedoras realizadas por mulheres brancas também são regidas pelas normas relacionadas a necessidade de “fazer algo para sobreviver”. Entretanto, mesmo a sobrevivência possui recortes diferentes relacionados à raça. No caso da mulher empreendedora branca, a sobrevivência está atrelada ao desafio. Já para a mulher empreendedora negra, a sobrevivência é associada à obrigação (FERRETTI, 2021). Conseguimos identificar nesse trecho semelhança com a fala de Conceição

Acho que negativo é a questão da desvalorização das pessoas, que eles não costumam ver essa questão do artesanato como algo assim, sei lá que eles possam comprar eles olham assim, dão o valor deles, aí esse eu acho que é o lado negativo, no meu caso, né das pessoas não valorizar, ver aquilo assim como sei lá, querer dá o preço que eles acham necessário.

Conforme explica Davis (2016), as desigualdades originárias do sexismo e do racismo vão além da lógica de gênero e geram hierarquias raciais que reforçam a lógica da inferioridade x superioridade. Assim, ao sair do mercado de trabalho tradicional e migrar para o empreendedorismo, a participante Conceição busca rearticular a norma que tende a posicioná-la como uma profissional menos qualificada, resistindo, por meio da prática empreendedora a subordinações de gênero e de raça no mercado de trabalho.

O relato de cada uma das entrevistadas demonstra o que Kauppinen e Daskalaki (2015) compreendem como empreendedorismo, a necessidade de reforçar que a identidade empreendedora não se constitui como um estado fixo de existência. Para os autores, tornar-se empreendedor é um processo em que descontinuidades, fragilidades, aspectos positivos e negativos, desempenham um papel importante e é influenciado pelo contexto em que o indivíduo se insere. Em alguns momentos, empreender para estas mulheres se constitui de uma atividade que provoca stress, desafios, dificuldades, ansiedade, mas que também gera prazer, satisfação, alegrias, demonstrando que empreender é um processo de fazer e desfazer, algo em constante construção.

3.3.5 A percepção da mulher a respeito do significado e sentido do trabalho diante da sua trajetória empreendedora

Os discursos normalizadores tendem a reproduzir os discursos que reafirmam a heteronormatividade de gênero (BUTLER, 2004), que consideram o empreendedor como figura heroica e de sucesso e a mulher como bem-sucedida apenas quando acompanhada de uma figura masculina, seja ela um sócio, cônjuge ou parente. Esse ponto assemelhasse muito com a fala da Lélia

A minha vó, ela era lavadeira e empregada doméstica em uma casa de família. Então foi o que ela sempre passou para os filhos dela, principalmente naquela época que a mulher para ser bem sucedida ela tinha que casar. Casar e ter uma família, esse era o sentido de ser bem sucedido, então ela sempre ensinou para minhas tias que o melhor marido que uma mulher pode ter é o emprego dela. Desse ensinamento que ela passou para minhas tias, minhas tias são todas formadas, e meus tios também.

Por meio da constituição de suas subjetividades, as mulheres empreendedoras entrevistadas passaram a (re)afirmar suas identidades no empreendedorismo, a partir de uma reflexão crítica sobre como seus negócios são enxergados pelos outros e sobre como elas mesmo se enxergam no contexto empreendedor. A partir daí, aceitam as características atribuídas a elas pelo olhar de fora, desde que façam sentido dentro daquilo que desejam se tornar, bem como combinam o olhar do outro à reflexão da forma como se veem como empreendedoras. Assim, essas mulheres se engajam em práticas de afirmação reflexiva assumindo suas identidades empreendedoras por meio de uma reflexão crítica do olhar de si e do olhar do outro (FERRETTI, 2021).

Neste trecho, a participante Lélia demonstra como suas atitudes podem se constituir de práticas de afirmação reflexiva, ao fazer o exercício de mudança das políticas de verdade que lhe atravessaram durante toda a vida, especialmente a partir dos olhares de indivíduos que ocupam posições identitárias hegemônicas no discurso. Foi questionada com relação a sua condição empreendedora, sua aparência, sua origem periférica, e buscou, por meio da apropriação das falas sobre si, um processo de transformação do entendimento sobre como gostaria de ser percebida como uma mulher negra que empreende no ramo da confeitaria.

Porque assim, eu posso não ser a melhor do meu bairro, eu nem quero ser, eu quero ser a melhor pra mim, eu amo o que eu faço, pra mim eu sou a melhor, eu posso não ser para as outras pessoas, mas pra mim eu sou, porque só eu posso enxergar o meu aprimoramento, como eu comecei e de como estou fazendo agora os bolos, teve uma evolução gritante, enorme (LÉLIA).

O ponto de vista feminista é relevante também para o que a filósofa Djamila Ribeiro (2017) vem destacando como lugar de fala, um conceito que trata das condições sociais que permitem ou não que grupos acessem espaços de cidadania. É um debate estrutural, relacionado a um lugar social que certos grupos ocupam e onde a restrição de oportunidades é a regra. A autora relaciona ainda lugar de fala a quebra do silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia violenta (BENTO, 2022).

Eu acho que em relação a nós mulheres, acho que dá mais assim visibilidade pra gente. Pois é, eu no meu caso, eu era muito assim aquela mulher muito fechada, muito dona de casa. Aí quando eu comecei essa questão de me envolver com o empreendedorismo comecei a ter contato com outras pessoas, sei lá, eu já me sinto até mais visível para as pessoas, antes eu era muito escondida, vamos dizer assim, e tem melhorado bastante em relação a minha vida pessoal e meu contato com as pessoas, até no meu dia a dia mesmo. Eu venho me sentindo bem (CONCEIÇÃO).

É importante ressaltar, de acordo com Bento (2022) que trabalhar com equidade exige um posicionamento sistêmico, significa reconhecer e enfrentar o racismo entranhado nas diferentes instâncias sociais, seja no interior das organizações, seja no campo em que ela atua enquanto parte de um coletivo de organizações que compõem a sociedade. Significa apoiar a construção de um estado de bem-estar social substantivo e conseqüentemente as políticas públicas, já que os principais beneficiários delas são os grupos mais vulneráveis e que dependem disso para acessar serviços de saúde, trabalho, educação e moradia (BENTO, 2022). Diante dessa afirmação, podem ser destacadas as falas de Alzira, Cristiane e Lélia

Essa questão do desgaste físico e mental, ele leva a acometer a mulher de vários tipos de doenças, como exemplo, pressão alta, diabetes- porque come fora do horário, passa muito tempo sem comer. E os recursos para buscar o médico, é tudo mais complicado, a sua saúde mental, pois a mulher fica com o psicológico muito afetado, por conta das responsabilidades, a falta de dinheiro, por conta disso, de ser a provedora do lar (ALZIRA).

O trabalho é o direito fundamental nosso nós devemos lutar por ele, porque a partir do nosso trabalho, nós vamos ter possibilidade de usufruir outros direitos e garantias que a partir do nosso trabalho a gente vai ter direito à alimentação, a moradia, outros direitos, mas que infelizmente nós não temos condições iguais, em que pese ser garantido, mas não é ainda totalmente efetivado (CRISTIANE).

Ah, mas não é trabalhar por obrigação, assim o trabalho traz mais dignidade, a gente... Não falo só pela comida, eu falo pelo vestir, eu falo por ter alguma coisa melhor, uma televisão, um micro-ondas, uma máquina de lavar, até pintar uma parede da sua casa, então é essa questão que te traz mais dignidade (LÉLIA).

Poder-se-ia dizer que o empreendedorismo feminino caracterizar-se-ia como uma espécie de trabalho curativo, voltado para a reconstrução da identidade e da saúde desta população, na medida em que fortalece processos de integração social e autovalorização. Não há como desprender o empreendedorismo da noção de sucesso e fator de elevação da autoestima de negras e negros. Ao empreender, a mulher firma seu propósito de tornar-se visível e senhora de seu destino. Trata-se, portanto, de um movimento transgressor, de resistência e de cura de feridas secularmente abertas em chagas. Este efeito curativo alcança tanto negros quanto negras. Entretanto, para as mulheres negras o impacto de torna-se senhora de si e de seu negócio é altamente significativo (SANTOS, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais, faço um exercício de reflexão, tendo em vista que foi possível perceber ao longo dos estudos que os aspectos interseccionais são fundamentais na compreensão da mulher empreendedora no Brasil, mais especificamente no Maranhão, especialmente a mulher negra. Partido disso, fora compreendido que a constituição da identidade destas mulheres é atravessada por marcadores sociais relacionados não só a gênero e ao que significa ser mulher e empreender, mas a gênero, raça, classe. Desse modo, não é possível explicar esta constituição desvinculada ao contexto social que representa o que significa por exemplo ser uma mulher negra que empreende em segmentos dominados por pessoas brancas.

Interligado a isso, uma vez que os sujeitos são vistos como em constante construção, foi possível identificar por meio da interseccionalidade que o processo de tornar-se uma mulher no empreendedorismo passa por um processo nunca acabado, de fazer e desfazer. Entretanto, o homem branco heterossexual privilegiado ainda é enxergado discursivamente como o profissional de sucesso, a norma, e a mulher branca e o homem negro são vistos como o Outro empreendedor, e a mulher negra na grande maioria da vezes torna-se invisível diante desse processo.

Com relação à constituição da identidade empreendedora, a compreensão do empreendedorismo permite, entre outros fatores, a reconstrução da identidade desta mulher. Assim, ao ocupar espaços dominados por pessoas brancas, essas mulheres possibilitam um novo olhar para o empreendedorismo, por meio da ressignificação da linguagem ou da forma como se compreendem como empreendedoras, pelos desejos e prazeres não baseados no mercado e no que a sociedade enxerga como valor e pela auto compreensão sobre o seu processo de empreender no dia a dia de trabalho e na relação com o outro.

Concomitante a tudo isso, vale ressaltar que compreender a singularidade empreendedora como uma identidade fragmentada e o empreendedorismo não como um substantivo, mas um verbo, ação, um processo de fazer e desfazer, permitindo que o empreendedorismo seja uma forma de busca pela transformação social e como uma possibilidade de resistência no âmbito social e laboral. Desse modo, ao pensar na identidade das mulheres empreendedoras como algo fragmentado, fluido, o

empreendimento dessas mulheres permite uma rearticulação da norma, uma vez que há a recusa em se estabelecer um padrão (FERRETTI, 2021).

De acordo com Ferretti (2021), essa recusa contribui para uma abertura para que esta mulher busque condições de empreender que façam sentido para si mesma. Isso ocorre por meio da compreensão de que empreender envolve erros e acertos, tentativas, desconstrução e não um estado fixo de existência. Uma outra contribuição das subjetividades das mulheres empreendedoras está na compreensão do empreendedorismo como um fenômeno pautado pelas emoções e sentimentos relacionados a aspectos positivos e negativos, desafios, dor, ansiedade, satisfação, alegrias, ou seja, empreender é um processo que se encontra em constante construção.

Por outro lado, as resistências para reexistências como empreendedoras foram identificadas como reafirmação do espaço que ocupam no empreendedorismo, como reposicionamento diante de situações adversas relacionadas a episódios e racismo e de machismo e como valorização da profissional que exerce a atividade empreendedora. Em todas essas possibilidades, as mulheres empreendedoras buscam a rearticulação da norma, que conseqüentemente contribui para um reposicionamento da identidade empreendedora e para a mudança de si e de outras mulheres.

No contexto empreendedor em que estão inseridas, essas práticas de liberdade se manifestam por meio de ações de problematização e de exercício de afirmação reflexiva. Nesse sentido, existe uma reflexão a respeito do cuidado de si e do outro e a transformação de um conjunto de experiências em um “problema”, não para torná-lo algo ruim, mas para refletir sobre a sua condição em prol de uma possível mudança.

O cuidado de si visa romper com a normalização, por isso, não é considerado um ato isolado e sim coletivo. O cuidado de si e do outro dessas mulheres leva também às práticas de afirmação reflexiva, em que as participantes empoderam-se ao fazer uma autorreflexão sobre suas identidades no empreendedorismo, bem como ressignificar a percepção do outro sobre a sua forma de empreender. Assim, as empreendedoras fazem um exercício de mudança das políticas de verdade em prol de uma transformação individual e coletiva nos discursos sobre o empreendedorismo (FERRETTI, 2021).

Ao exercerem o cuidado de si, essas mulheres pensam e estabelecem uma nova relação consigo mesmas que aprimora as práticas de liberdade dentro de ordens pré-estabelecidas e que permite uma expansão das possibilidades de existência como sujeitos. Essas mulheres exercem o cuidado de si e dos outros, o que leva a práticas de liberdade de gênero. Essas práticas fazem com que essas mulheres problematizem e reflitam criticamente sobre as normas existentes nos discursos sobre o empreendedorismo, possibilitando, mesmo que temporariamente, sua transgressão e sua rearticulação.

Diante de tudo isso, é importante concluir mencionando a respeito de um cenário socioeconômico e político altamente complexo como este apresentado no Brasil na atualidade, sendo assim nada é mais importante do que debater estratégias de emancipação e soerguimento de um grupo étnico há tantos séculos subalternizado, silenciado e invisibilizado no país.

Além disso, assim como menciona Santos (2019), é importante levar em consideração a construção estratégias e disseminar outras que sirvam para instrumentalizar negras e negros a ocuparem outros lugares na pirâmide social, compreendendo que isso é um compromisso que deve ser abraçado por todos os afrodescendentes. Desse modo, evidenciando a relevância dessas mulheres ocuparem lugares como Universidades, postos mais relevantes de trabalho, empreendimentos de grande porte, setores econômicos antes dominados só por elite branca, é uma construção de um futuro que o afro empreendedorismo e movimentos como o Black Money podem estruturar.

Por fim, é importante mencionar que ao longo do trabalho os objetivos estabelecidos para direcionar a pesquisa foram de extrema relevância, e puderam ser muito bem relacionado com a prática e a literatura, desse modo eles conseguiram ser alcançados e concluídos de maneira plausível. Ademais, existiram algumas limitações no trabalho, como por exemplo, de encontrar no início fontes, artigos, e livros que pudessem fazer relação com o tema da pesquisa. Outro ponto, foi em relação a parte prática da aplicação das entrevistas, pois algumas participantes no início não davam retorno, outras acabaram desistindo, e também teve aquelas em que os horários não coincidiam, e desse modo acabou ocorrendo muitas instabilidades no tempo, o que levou a um certo atraso para a análise dos dados. Além disso, o presente trabalho abriu um leque de possibilidades, no sentido de ampliar a pesquisa para publicação

em revistas, e conseqüentemente aprimorar os estudos ingressando em um mestrado e posteriormente em um doutorado.

REFERENCIAS

ALMEIDA, I; ANTONIALLI, L. M.; GOMES, A. F. **Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow**. Revista Ibero-Americana de Estratégia, v. 10, n. 1, p. 102-127, 2011.

AGUIAR, Haroldo Márcio de. **Mulheres Negras Empreendedoras no Brasil: Suas Barreiras e Comportamento de Superação para Empreender**. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Programa de Pós Graduação de Administração, Universidade Nove de Julho - Uninove, São Paulo, 2022. Cap. 4. Disponível em: <<http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/2903>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

BENEDITO, Alessandra. Empreendedorismo e empoderamento de mulheres negras: quais são as ações necessárias para garantir expansão e manutenção da atividade econômica. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 1-16, 15 jun. 2018. Semanal. Disponível em: <<https://doi.org/10.5433/SGPP.2018v5.p1345>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.

BERGER, E. S.C.; KUCKERTZ, A. Female Entrepreneurship in Startup Ecosystems Worldwide. *Journal of Business Research*, v. 69, n.11, p. 5163-5168, 2016.

BONFIM, Vânia. **A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas** In Nascimento, Elisa. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BUI, H. T. M.; KUAN, A.; CHU, T. T. Female entrepreneurship in patriarchal society: motivation and challenges. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, v. 30, n. 4, p. 325-343, 2018. 30(4), 325–343.

CAMPOS, A.A. **A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo**. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n° 196**, de 10 de outubro de 1996. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 09 out. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n° 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. pp. 58-61.

DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DINIZ, Gláucia (1999). Condição feminina – fator de risco para a saúde mental? Em Paz, M. G. T. e Tamayo, A. (Orgs.), Escola. Saúde e Trabalho: Estudos Psicológicos (pp. 181-197). Brasília: UnB.

EVELLE, Monique. **Empreendedorismo feminino: olhar estratégico sem romantismo/** Monique Evelle. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2019. 96 p.

FERRETTI, Amanda Soares Zambelli. **EMPREENDEDORISMO, GÊNERO E PRÁTICAS DE LIBERDADE: o entrepreneuring de mulheres negras que rompem com a lógica heteronormativa de gênero**. 21. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2021. Cap. 5.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de administração, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FOUCAULT, M. **Então é importante pensar?** In.: FOUCAULT, M. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

GALLO, S. The care of the self and biopolitics: resistance and practices of freedom. **Educational Philosophy and Theory**. vol. 49, n. 7, p. 691-701, 2017.

GEM, Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2019/2020**. Curitiba: IBQP, 2020.

GIMENEZ, F. A. P., FERREIRA, J. M., e RAMOS, S. C. (2017). **Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênero e Formação de Um Campo de Pesquisa**. Revista de Empreendedorismo e Gestão de pequenas Empresas, 6 (1), 40-74. Disponível em: <<https://doi.org/10.14211/regepe.v6i1.450>>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

GOMES, A.F.; SANTANA, W.G.P.; Silva, J.S.F.; CHAVES, A.M; S.A. e PIAUÍ, D.D.D.N. (2014). **Mulheres Empreendedoras: Desafios da Gestão no interior da Bahia**. EnANPAD 2014. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro/RJ – 13 a 17 de setembro de 2014.

GUERRA, O; TEIXEIRA, F. A sobrevivência das pequenas empresas no desenvolvimento capitalista. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 1 (117), pp. 124-139, janeiro e março/2010.

HARDING, N. H.; FORD, J.; LEE, H. Towards a performative theory of resistance: Senior managers and revolting subject(ivity) s. **Organization Studies**, v. 38, n. 9, p. 1209-1232, 2017.

HUGLES, K.D. e JENNINGS, J.E. (2012). Global Women's Entrepreneurship Research. Diverse Settings, Questions and Approaches. Edward Elgar Publishing Limited. Disponível em: <<https://doi.org/10.4337/9781849804752>>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

KAUPPINEN, A.; DASKALAKI, M. Becoming other: entrepreneuring as subversive organising. **Ephemera**, v. 15, n. 3, p. 601-620, 2015.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano, Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, H.V et al. **O Processo De Criação De Empresas Por Mulheres**. RAE-eletrônica, São Paulo: 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n2/v2n2a07>> Acesso em: jun/2023.

MACHADO, H. V. et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE eletrônica**, v. 2, n. 2, p. 1-22, 2003.

MACEDO, A.B. **Manual prático do microempreendedor individual**. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.

MACHADO, H.P.V. (1999). Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora.

MELO, Hildete. (2005). Gênero e pobreza no Brasil: relatório do projeto Governabilidade Democrática de Gênero em America Latina y el Caribe. Brasília: CEPAL/SPM.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009.

OLIVEIRA, Verusca Couto. **Vida de Mulher: Gênero, Pobreza, Saúde Mental e Resiliência**. 2007. 284 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Cap. 5. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2862>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PANTOJA, Selma. **Conexões e identidade de gênero no caso Brasil e Angola: sécs. XVII-XIX**. Universidade de Brasília. UNB, 2008. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/img/upload/415151.rtf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

RME, **Rede Mulher Empreendedora**. Perfil da Empreendedora brasileira. 2016.

RODRIGUES, Nina T. Disconzi; FERRER, Alexandre de M. Bonini; SIMÕES, Isadora Scherer. EIRELI: constituição e reflexões acerca do Projeto de lei do Senado 96/2012. **Revista de informação legislativa: RIL**, v. 53, n. 211, p. 227-252, jul./set. 2016.

SANTOS, A.L; KREIN, J.D; CALIXTRE, A.B. (orgs.). **Micro e Pequenas Empresas Mercado de Trabalho e Implicação para o Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: ipea, 2012.

SANTOS, Maria Angélica dos. **O lado negro do empreendedorismo: afroempreendedorismo e black Money** / Maria Angélica dos Santos. – Belo Horizonte, letramento, 2019. 118 p.

SCOTT, J. C. **Los dominados y el arte de la resistencia**. Mexico: Ediciones Era, 2004.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique; MORAIS, Fausto Santos de. Identidade, Reconhecimento E Personalidade: Empreendedorismo Da Mulher Negra: empreendedorismo da mulher negra. **Ealr**: Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, v. 9, n. 3, p. 229-242, jul a dez. 2018.

SOUZA, Elizangela Vilela de Almeida e Freitas, Madalena Dias Silva. A representação das mulheres negras no mercado de trabalho nas cidades brasileiras no século XIX. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais** – UEG/UnU Iporá, Vol. 1, no. 1, p. 74-87. 2012.

SOUZA, E. M. de; PARKER, M. Practices of freedom and the disruption of binary genders: Thinking with trans. **Organization**, v. 29, n.1, p. 67–82, 2020.

SILVA, G.M. **Cultura negra e empreendedorismo**: sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. In: Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2018, v. 43, n. 1: 11-36.

SILVA, Imaíra Pinheiro de Almeida da; CHAI, Cássius Guimarães. AS RELAÇÕES ENTRE RACISMO E SEXISMO E O DIREITO À SAÚDE MENTAL DA MULHER NEGRA BRASILEIRA. **Políticas Públicas**, São Luís, v. 22, p. 1-21, 09 maio 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3211/321158844050/321158844050.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SOUZA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 – 1416, jul. – dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

TOLFO, Suzana da Rosa e Piccinini Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1: 38-46. 2007.

VIEIRA, A.; MONTEIRO, P. R. R.; CARRIERI, A. de P.; GUERRA, V. de A.; BRANT, L. C. Um estudo das relações entre gênero e âncoras de carreira. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, p. 577-589, 2019.

VIEIRA, Diego Mota *et al* (org.). Empreendedorismo feminino: significados, motivações e desafios das mulheres que decidem empreender. **Remipe- Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo**, Osasco, v. 8, n. 2, p. 1-20, mar. 2022. Semestral. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/20699>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VILELA, N. G. S.; HANASHIRO, D. M. M.; C., L. dos S. (Des) Igualdade de gênero no local de trabalho e práticas de recursos humanos. **Revista Alcance**, v. 27, n. 3, p. 382-398, 2020.

XAVIER, Eliana Costa; FONTOURA, Glaucia Maria Dias. Negras Minas: o sentido do trabalho para as mulheres negras. **Identidade**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 3, p. 425-440, dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/1191-4606-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

World Health Organization / Organização Mundial da Saúde - **WHO/OMS** (2000). Women's mental health: an evidence based review. Geneva: Autor, 2000.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: EMPREENDEDORISMO DA MULHER NEGRA: o sentido do trabalho, e sua influência na saúde mental da mulher.

Nome do Pesquisador Principal ou Orientador(a): Prof.^a. Me. Gracielle Santana

Nome do(s) Pesquisadores assistentes/alunos: Natalia Barbosa Silva

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa, e fui orientado quanto ao seus objetivos, e as demais informações descritas no documento abaixo,
 RG: _____ CPF: _____.

1. **Natureza da pesquisa:** *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar o sentido/perspectiva de empreender como forma de trabalho para a mulher negra na cidade de São Luís- MA.*
2. **Esclarecimento Sobre o Termo:** *O presente termo está de acordo com os Critérios da Ética em Pesquisa (Resolução CNS nº 466 de 2012) e terá todas as suas páginas rubricadas pelo pesquisador responsável, e ainda será elaborado em duas vias, garantido que uma seja entregue ao Sr. (a) e a outra mantida em arquivo pelo pesquisador responsável. O Sr. (a) só poderá iniciar a entrevista após consentir com a sua participação na pesquisa de acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012.*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) faça perguntas referentes a sua atuação no empreendedorismo, e adquira informações mais específicas sobre o seu modo de vida de acordo com o seu empreendimento. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*
4. **Sobre as entrevistas:** *A entrevista será composta por 5 perguntas semiestruturada, as quais serão elaboradas de maneira clara e fundamentada, para melhor compreensão das entrevistadas.*
5. **Riscos e desconforto:** *As participantes poderão sentir-se constrangidas ao responder as perguntas referentes ao seu trabalho, por estarem tendo riscos de*

reviver ciências de situações de sofrimento, as quais poderão ser contornadas com orientações de locais para buscarem atendimentos psicológicos. Por isso, as entrevistas serão realizadas individualmente, e de preferência no seu local de trabalho, para que fiquem mais à vontade, visando diminuir a possibilidade de constrangimento. Caso ocorra, a participante poderá deixar de responder as perguntas da entrevista.

6. **Confidencialidade:** *Todas as informações coletadas neste estudo serão utilizadas de forma responsável para que se obtenha uma pesquisa fidedigna. A princípio somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados, mas a posteriori o trabalho será divulgado como artigo científico. Garantimos ao (à) Sr. (a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica de acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012.*
7. **Benefícios:** *As participantes não terão benefícios diretos com esse estudo, no entanto, os resultados obtidos a partir dos dados coletados nessa pesquisa contribuirá para a reflexão sobre o sentido do trabalho e a saúde mental de mulheres negras empreendedoras e direcionar para novas pesquisas que permitam o engajamento de outras classes que também compõem o núcleo de mulheres empreendedoras. Além disso, espera-se que os resultados possam refletir de maneira significativa para a sociedade e para essa classe trabalhadora.*
8. **Pagamento:** *a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal: Natalia Barbosa Silva; TELEFONE: (98) 98533-7922

Demais pesquisadores: Prof.^a Me. Gracielle Santana; TELEFONE: (98) 99227-2003

Comitê de Ética em Pesquisa: Unidade de Ensino Superior Dom Bosco

Telefone do Comitê: (98)4009-7074

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP, **Bairro:** Renascença; **CEP:** 65.075.441

UF: MA; **Município:** São Luís; **E-mail:** cep@undb.edu.br

APÊNDICE B - Entrevista**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR - DOM BOSCO****Curso:** Psicologia**Título da Pesquisa:** EMPREENDEDORISMO DA MULHER NEGRA: O sentido do trabalho, e sua influência na saúde mental da mulher.**Nome do pesquisador/aluna:** Natalia Barbosa Silva**Nome do Orientador:** Prof.^a Me. Gracielle Santana**PERGUNTAS**

Idade:

Ramo de atuação:

1 Como se deu o início da sua atuação nesta área do empreendedorismo (quanto tempo atua)?

2 Para você atuar nesta área, quais foram os recursos/meios (materiais, aptidão/talento, auxílio de alguém) que considerou mais necessários para a sua progressão neste ramo?

3 Quais são e foram as contribuições e possibilidades que o empreendedorismo nesta sua área de atuação tem lhe proporcionado?

4 Você consegue descrever e/ou identificar alguma causa (positiva ou negativa) física, social e mental advinda da sua atuação como mulher negra empreendedora?

5 Ao longo dessa sua jornada empreendedora, como foi sendo construído a sua percepção a respeito do significado e o sentido do trabalho para você?